

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

A ESCUTA CLÍNICA COM IDOSOS: RESSIGNIFICANDO AS PERDAS NA VELHICE¹

THE CLINICAL LISTENING TO THE SENIORS: RESIGNIFYING THE LOSSES IN OLD AGE

Gabrieli Dallabrida², Solange Castro Schorn³

¹ Parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí. gabrieli.dallabrida@sou.unijui.edu.br

³ Doutora em Educação nas Ciências. Docente do Curso de Psicologia da Unijuí. Orientadora. solange.schorn@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A velhice é uma fase que acarreta em muitas perdas para o sujeito idoso, as quais condizem com limitações físicas e cognitivas que acabam por deixá-lo angustiado e desanimado, levando-o, conseqüentemente à desistência de planos de vida. Este fato chama a atenção, considerando o aumento significativo da população idosa nos últimos anos, sendo necessária atenção e cuidados com esse sujeito para que tenha um envelhecer com saúde física e psíquica. Uma preocupação presente, também, na Agenda 2030[1], sustentada no ODS 3, que trata da saúde e bem-estar em todas as idades, tendo como uma de suas metas alcançar uma cobertura universal de saúde que possibilite o acesso a serviços de saúde essenciais e a medicamentos e vacinas eficazes e com preços acessíveis a todos, visando a qualidade de vida dos indivíduos.

Em estudo realizado por Dockendorff (2014, *apud* RIBEIRO *et al.*, 2017), compreende-se que o bem-estar físico e subjetivo, durante o envelhecimento, pode ser alcançado ou mantido por meio de estratégias de enfrentamento das perdas que acompanham esse processo. Estratégias como a negociação, a acomodação e o suporte social foram, nesse estudo, as que mais se relacionaram a condições de bem-estar. Além dessas táticas, a escuta clínica, psicanalítica, surge como uma forma de lidar com essas perdas, configurando-se como um dos meios possíveis de proporcionar ao idoso um envelhecimento saudável, uma vez que lhe possibilita compreender os conflitos e atitudes próprios do envelhecer (MARTINS, 2011).

Sendo assim, entende-se que a velhice precisa ser falada, a ponto de ser vivida como a melhor idade, ainda que não seja a realidade da maioria dos idosos. Partindo dessa compreensão, considera-se a intenção em pesquisar a velhice, propondo abordar como as perdas decorrentes do envelhecimento se fazem presentes para o sujeito idoso, bem como, de que forma esse sujeito pode vir a falar sobre sua velhice, de modo a ressignificá-la e, também, os acontecimentos vividos, buscando refazer seus planos e visando, assim, dar continuidade à sua vida de uma maneira mais saudável e prazerosa.

Palavras-chave: envelhecimento, terceira idade, processo de luto, psicanálise.

Keywords: aging, third age, mourning process, psychoanalysis.

METODOLOGIA

A pesquisa consiste em um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, de cunho descritivo e

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

exploratório, visto tratar-se de informações oriundas de artigos e livros publicados sobre o tema. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de publicações encontradas nos sites de pesquisa: Google Acadêmico, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), tendo como critérios de seleção desse material estudos com base na teoria psicanalítica que oferecem contribuições ao estudo do envelhecimento e à construção do luto, o que possibilita compreender o processo de ressignificação das perdas na vivência da velhice.

A análise do material estudado compreende a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) que, no entendimento de Moraes e Galiazzi (2006), consiste em um processo que se inicia por meio de uma leitura cuidadosa do que diferentes autores vêm falando sobre o tema pesquisado e após, é feita uma interpretação pelo pesquisador, o qual deve assumir o que interpreta da leitura na medida em que desconstrói, questiona, argumenta, deixando presente sua autoria, ao mesmo tempo em que justifica o que compreende e escreve. Ainda, de acordo com os autores, é um processo de transformação do sujeito pesquisador, na medida em que busca a compreensão do fenômeno que se apresenta, tendo em vista as dúvidas e incertezas que vão surgindo no percurso da escrita e que possibilitam abrir espaço para novos horizontes.

DISCUSSÃO

São diversos os artigos e textos que abordam a questão do envelhecimento. Esses estudos vêm demonstrando que no decorrer do tempo a velhice teve várias representações em diferentes locais e culturas, considerando o fato de ser um efeito do discurso (MUCIDA, 2006). Beauvoir (2018) oferece uma valiosa contribuição sobre esse tema. Sua obra, *A velhice*, é considerada o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Nessa escrita, apresenta a situação dos velhos em diversas épocas e lugares, anunciando um tempo de grande respeito pelos idosos, quando a velhice era vista como uma benção, e outro em que eram respeitados somente os idosos que tivessem riquezas e propriedades. Independentemente do sentido que cada sociedade e cultura tenha conferido à velhice, a questão do declínio orgânico aparece com frequência em diferentes comunidades no decorrer da história da humanidade (BEAUVOIR, 2018). Esse declínio orgânico remete ao enfraquecimento do corpo, devido à idade avançada e suas manifestações, acarretando, então, em um conjunto de perdas.

Segundo Ferreira (1993, p. 416), a palavra perda tem como um de seus significados o “ato ou efeito de perder” sendo a pessoa despojada de algo que possuía antes. Evidencia-se que na velhice, o sujeito é privado de várias coisas, especialmente de condições físicas, como, por exemplo, parte da visão, da audição, habilidades motoras. De acordo com Ribeiro et al (2017), diante das perdas, principalmente essas que condizem às limitações físicas do corpo, o idoso acaba por sentir-se amedrontado e com anseio de se tornar dependente de alguém, sendo um fardo para seus familiares.

Definida como um “estado ou condição de velho” (FERREIRA, 1993, p. 561), a velhice é considerada um período no qual os prazeres da vida são impedidos de serem desfrutados, logo a degradação do corpo leva o sujeito a desejar a morte desistindo de empenhar-se pela vida (BEAUVOIR, 2018). Porém, mesmo tendo essa definição no dicionário, não é possível dizer que a velhice é facilmente percebida, considerando que ela resulta de um processo que envolve múltiplos aspectos, pois além de um fato biológico é também um fato cultural (BEAUVOIR, 2018).

Em conformidade com Borges (2007, p. 27) “O grupo de idosos representa na nossa sociedade

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

a parcela improdutivo e dependente”, sendo eles apontados como as âncoras do desenvolvimento social em contraponto com as crianças que desde cedo são preparadas para atuarem como futuros produtores. Como diz Corin (1985, citada em UCHÔA, 2003), “a velhice é representada socialmente em termos negativos, é o tempo da falta e da perda dos papéis sociais que têm valor na cultura” (*apud* BORGES, 2007, p. 30).

Kreuz e Franco (2017) demonstram que tal situação provém do fato de se viver em um social que preza pelo utilitarismo, valorizando questões materiais, como ter e poder e, que despreza a questão do ser, o que leva o idoso a ficar em grande desvantagem. Além disso, essa ideia de improdutivo que o social lhe impõe leva-o a própria desvalorização.

Muitas são as dificuldades do idoso em seu dia a dia, ainda mais, devido ao preconceito que enfrenta por estar passando pelo sofrido processo de envelhecimento. Precisar se aposentar dificulta ainda mais tal processo, tendo em vista que a aposentadoria é entendida como o afastamento do trabalho (BULLA; KAEFER, 2003). Afastar-se da profissão é um momento muito doloroso para o idoso, pois reforça o estigma de improdutivo que lhe é imposto pela sociedade, bem como, significa o distanciamento daquilo que ele se identifica e que o representou por tantos anos na vida. Para Mucida (2006), a aposentadoria pode remeter a diferentes tipos de perdas, como: poder, prestígio e laço social, acarretando em uma possível ferida narcísica grave e uma falta de investimento em si mesmo, levando a formação de sintomas. As perdas vividas pelo sujeito idoso, confrontam-no com o real da velhice (MUCIDA, 2006) e podem acarretar em traumas. Para a psicanálise, o trauma é um acontecimento da vida do sujeito, definido de acordo com sua intensidade, levando em conta a incapacidade em que este se encontra para reagir ao trauma, o transtorno causado e os efeitos duradouros que podem ser provocados pelo mesmo no psiquismo do sujeito (LAPLANCHE, 2001).

Jerusalinsky (1996) oferece uma contribuição importante sobre o conceito de trauma direcionado à velhice. Para o autor, as mudanças que acompanham essa fase da vida constituem o que chamou de neurose do envelhecimento. Essa neurose é caracterizada por uma série de oito traumas: a perda dos pais reais, a constatação do definitivo, a diminuição da potência, a mudança de protagonistas, o futuro mínimo, a perda dos pares, a degradação do corpo e o diálogo com a morte. Frente a esses traumas o sujeito começa a angustiar-se e precisa encontrar formas de enfrentamento dos mesmos. Conforme Mucida (2006), essas perdas que acompanham o processo de envelhecimento exigem sempre um trabalho de luto dos objetos perdidos e a criação de novos investimentos para o desejo.

Diante de tantas mudanças e perdas, o idoso inicialmente nega sua velhice. Sobre essa questão, Beauvoir (2018) afirma que perceber-se velho é sempre um assombro, considerando que a imagem que o espelho fornece é aquela que os outros percebem. O sujeito reluta em aceitar a mudança em si mesmo. Desse modo, o velho é sempre o outro, pois nele o sujeito não se reconhece, uma vez que “nosso inconsciente ignora a velhice” (BEAUVOIR, 2018, p. 358). Logo, isso acaba por tornar esse momento mais árduo e angustiante e para que o idoso consiga trabalhar com essas perdas e mudanças, visando ressignificá-las, a escuta clínica surge como possibilidade, pois “Durante a escuta psicanalítica, o idoso pode obter um espaço onde encontra suporte psíquico para restaurar a confiança para investir em objetos presentes e possíveis” (MARTINS, 2011, p. 59).

Essa escuta permitirá abrir para o sujeito espaços de sublimação, por meio dos quais poderá obter novas formas de satisfação, sendo também uma via que lhe possibilitará reviver o passado, atualizando-o através das lembranças, o que é muito importante, pois permite dar sustentação

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

aos investimentos e planos que ainda pode fazer na vida, mesmo diante de um futuro limitado (MUCIDA, 2006). Nas palavras de Jerusalinsky (1996, p. 7), “não podemos mudar o curso da vida em direção à morte (o que por outro lado ninguém consegue fazer, a não ser transitoriamente), mas, certamente, podemos intervir no modo em que o sujeito humano fica implicado desse percurso”. Diversas são as estratégias de enfrentamento do envelhecer que podem trazer bem-estar ao indivíduo, porém, é necessário um posicionamento particular, tendo em vista que cada um responde a partir de suas condições subjetivas e considerando aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais (MUCIDA, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras realizadas até o momento, especialmente em Mucida (2006) e Martins (2011), demonstram que, um espaço de escuta clínica possibilita ao idoso encontrar o lugar que lhe falta no social, permitindo-lhe reconhecer-se como contador de sua própria história e não apenas como espectador de sua vida. Nesse viés pode-se também fazer uma articulação com a questão da saúde física do idoso relacionada ao ODS 3 que visa assegurar saúde e bem-estar em todas as idades, tendo em vista que a escuta clínica pode possibilitar ao idoso manter sua mente saudável levando a que consiga lidar melhor com suas questões ou até limitações físicas que acompanham o envelhecer.

Os referidos autores, afirmam essa possibilidade, considerando que por meio da análise clínica, o sujeito pode escutar a si mesmo, sendo essa vivência uma via de resignificação e reelaboração das perdas e mudanças difíceis de serem suportadas ou aceitas, podendo auxiliar o idoso a refazer projetos de vida em outros moldes, mantendo vivo seu desejo, na medida em que reelabora o passado e passa a investir no presente.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. [recurso eletrônico] tradução Maria Helena Franco Martins. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Recurso digital (Biblioteca áurea). Disponível em: <https://b-ok.cc/book/5320776/a3f773>. Acesso em: 04 abr. 2020

BORGES, Mariana BO. A Produção de Conhecimento sobre o Envelhecimento Humano: aspectos históricos e sociais. Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2991?mode=full>. Acesso em: 30 mar. 2020

BULLA, Leonia Capaverde, KAEFER Carin Otilia. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. Revista Virtual Textos & Contextos, nº 2, dez. 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/957>. Acesso em: 02 abr. 2020

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. Minidicionário da língua portuguesa. 3ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed – São Paulo: Atlas, 2002.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do Envelhecimento. Correio de APPOA – Nº 42 - dezembro de 1996.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento. Revisão Sistemática de Literatura. Arq. Bras. Psicol., Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2020

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário de Psicanálise. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maristela Spera. O trabalho do psicólogo na clínica de Geriatria: relato de experiência em saúde e desenvolvimento humano. São Paulo, 2011. 104 f. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19072011-091146/publico/martins_me.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência e Educação. v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf> Acesso em: 11 jun. 2020

MUCIDA, Angela. O Sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice – 2. ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2006.

RIBEIRO, Mariana dos Santos *et al.* Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2017; 20(6): 880-888. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n6/pt_1809-9823-rbagg-20-06-00869.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

SILVA, Enid *et al.* Agenda 2030. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2018.

[1] A Agenda 2030 é composta por 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e representa um plano de ação, através de suas 169 metas, que tem por intuito erradicar a pobreza e promover uma vida digna para todos.

Parecer CEUA: 98163218.7.0000.5350